

Documentários

Para o homem de cinema, para o homem que conhece todos os segredos e maneja os seus múltiplos elementos com inteligência, a realização dum filme documentário deve ser o seu maior prazer. Esse prazer maior pressão exercerá sobre o seu espírito, se está habituado a trabalhar nos estúdios, a manejar *astros* e *estrélas* que gosam dum prestígio que a si é devido. Na natureza o homem inteligente e conhecedor encontra a matéria que no cinema mais sobressai. Não são, apenas, os elementos naturais, a água, a serra, a planície; são ainda essas máscaras curiosas e expressivas dos camponeses, dos animais, das próprias coisas. Tudo no documentário tem personalidade; tudo nele vibra e não engana.

Que grandiosos documentários o cinema nos não forneceu já! Desde os mais pequenos e modestos, esquecidos no meio dum programa, até aos mais vistosos e reclamados, com honras de destaque em programa de salão de primeira, há alguns que são admiráveis. Em todos eles há grandezas, emoção, arte, vida afinal.

Por muito pouco cuidada que seja a sua realização, sempre neles aparece um esboço do poder emocionante e artístico da natureza, da vida, no cinema.

Fixemo-nos, por exemplo, em *Chang*.

É, na verdade, um grandioso documentário. Nele não há, apenas, o desenrolar de metros de filme, obtidos numa floresta exuberante. Há mais, muito mais. A natureza é nele o motivo; o homem selvagem, o elemento.

Este último em luta com aquele e com os animais ferozes que povoam a floresta, ofereceram aos pacientes realizadores dêsse filme, a ocasião de darem ao mundo civilizado a maior lição de persistência, fôrça de vontade e espírito de solidariedade.

Manejando todos estes elementos foi possível aos citados realizadores, obter um filme que não maça, mesmo aquele público mais frívolo e amante do erotismo que ressumbra da tela, quando nela desfilam as imagens de algum filme com Greta Garbo.

Mas *Chang* não tem, apenas, a lição ao mundo civilizado, nem só possui a qualidade de não maçar quem quer que seja.

Tem, também, algo de mais importante.

Possui uma extraordinária belêsa cinegráfica.

São, na verdade, admiráveis de ritmo as scenas que nos mostram a invasão dos elefantes, a construção do grande curral e outras que não vale a pena citar.

Mas no género *documentário*, não há apenas *Chang*. Há muitos outros filmes de inegável valor.

Recentemente, ainda, se exibiu um: *Sombras Brancas*.

Era um filme curioso e cheio de belêsa. Nele desenhava-se, paralelamente ao conflito,

(Continua na pág. 10)

DOCUMENTARIOS

(Continuação da pag. 4)

uma visão da vida simples dos indígenas da Polinésia.

A-pesar de os que citamos serem admiráveis obras de cinema, impõe-se, como o melhor, o mais equilibrado e o que pode servir de padrão, essa admirável sinfonia de imagens que entre nós se exibiu com o título *Sinfonia duma capital*. E é, realmente, uma verdadeira sinfonia.

Emocionamo-nos perante uma grande capital sem nos levantarmos duma confortável cadeira.

Tudo nele é belêsa. Desde a marcha dum comboio, passando pelas ruas nas primeiras horas da manhã, vendo aumentar o movimento à medida que o dia avança, e indo por ali fora até assistir a toda a complicada vida duma capital, o filme não deixa nunca de atender ao mais rigoroso ritmo. Todas as imagens têm o movimento próprio e prolongam-se durante o espaço de tempo conveniente.

Este filme é tanto mais notável quanto é certo que não precisa de letreiros para se entender. É o que podemos chamar *cinema puro*.

Nenhum elemento estranho contém. Tudo quanto nesse filme se encontra é cinegráfico.

Mas o género documentário não tem apenas essa espécie de filmes. Os que citamos podemos conglobá-los numa classificação comum, a que juntaríamos — se pretendéssemos fazer a classificação — alguns outros.

Para outra espécie de documentários encontramos um outro filme admirável: *Montanha Sagrada*.

Este filme pode parecer, à primeira impressão, um documentário. Mas, a verdade, é que não é outra coisa. Assim como em *Chang* o motivo é a natureza e o elemento, o homem selvagem, em *Montanha Sagrada* o motivo é a neve, a montanha e o elemento o homem, o amor.

Enquanto neste o homem luta com as suas paixões, com as suas grandezas e misérias de homem civilizado, no outro o homem opõe a sua vontade, a sua persistência e a sua solidariedade à natureza e aos animais ferozes que ela oculta.

Montanha Sagrada é um verdadeiro poema, construído em imagens. A natureza rude e severa, acompanha o homem violento no amor e no ódio. Tem cenas duma grandiosidade que assombra; outras duma doçura que comove. E intercaladas cenas onde o movimento das imagens é tão belo que apetece ir até à montanha coberta de neve.

Neste documentário é introduzido um elemento curioso: o simbolismo. Referimo-nos às duas cenas onde ele e ela aparecem minúsculos junto duma montanha enorme e sob as abóbadas enormes duma galeria. Dão bem a impressão de quanto a natureza é superior ao homem e de quanto a belêsa duma galeria ou duma construção perderam para além do amor. Este apaga-se sempre, como se apagou a

— Albert Cavalcanti vai regressar à vida cinematográfica. O seu próximo filme intitula-se *A Vida de Simão Bolívar*. Simão Bolívar é o herói da independência americana.

vela que ardia sobre o altar. Aquele resiste mesmo a convulsões cósmicas, embora se modifique; o que nos dá a noção da sua eternidade.

Por agora pretendemos salientar o valor do documentário, chamando para ele a atenção do nosso público e dos nossos homens de



ZIG - ZAG

MARCA MUNDIAL

**O unico papel de fumar
que não alecia a garganta**

Peçam tabelas aos seus Agentes Gerais em Portugal

CASA HAVANEZA

24, CHIADO, 25 LISBOA

Pelos exemplos apresentados, verifica-se a belêsa extraordinária dos documentários e de quanta emoção pode o homem sentir, no

cinema. Aquele porque recebe com desconfiança tais filmes; estes porque receiam não fazer obra de arte e de valor, quando aproveitam a natureza e o que nela vive

**FABRICA DE CHAPEUS
DE PALHA E FELTRO**



Salaó Elite

SEMPRE AS ÚLTIMAS CREAÇÕES

R. AUGUSTA 240 2º D.º

assistir à exibição dum desses filmes.

Porém a sua missão não se resume nisso. Vai muito mais longe. No campo científico, no campo didáctico, encontram-se verdadeiras maravilhas. Não, apenas, como cinema; como espectáculo mesmo.

Mas isto é para mais tarde.

sem o vestido luxuoso da civilização.

Com qualquer assunto o homem de talento faz uma obra de arte; com um motivo como a natureza, o homem mediocre, mesmo, consegue fazer boa figura.

C. DE FIGUEIREDO.

TENNISTAS ATENÇÃO

A firma «SLAZENGERS, LTD.», de Londres, conhecidos fabricantes de artigos para tennis, acabam de conceder a n/ Casa um bonus especial, em virtude da importância das n/ compras terem atingido a cifra precisa para o obtermos. Esse bonus é distribuído durante o mez de Junho, a nossa clientela, pondo à venda as conhecidas marcas de Raquetes, pelos preços seguintes.

Raquetes "EROS", Esc. 120\$00 — "LA BELLE", Esc. 150\$00 — "METEOR", Esc. 240\$00 — "DEMON", Esc. 300\$00 — "DOHERTY", Esc. 360\$00 — "I. Z.", Esc. 400\$00 — "V. V. V.", Esc. 400\$00 — "QUEENS", Esc. 410\$00 — "PRIMORIS", Esc. 410\$00 — "Bolas "SLAZENGERS", para tennis dazta 120\$00.

Artigos para todos os "Sports"

CASA SENA—48-R. Nova do Almada, 52—Telef. C. 1231

AS QUATRO PENAS BRANCAS

(Continuação da pag. 5)

liberou seguir sosinho para o forte Khar.

Iludida a vigilância das sentinelas inimigas, Feversham conseguia entrar no forte e apresentar-se ao capitão Clarence.

Este, de facto, ardia em febre e mal podia falar.

No seu delírio, o capitão, apercebendo-se da presença de Harry, murmurou:

— Não posso mais... Tu foste militar... Substitui-me no comando do forte...

O momento não era para reflexões e, maquinalmente, Harry vestiu o dolman do capitão. Entretanto, a soldadesca, exausta, cheia de sede, principiava a revoltar-se. De pistola em punho Feversham preparava-se para liquidar o primeiro revoltado que se aproximasse em atitude hostil.

Súbito, no deserto vermelho, surgiu um destacamento inglês.

— Rapazes! — gritou Harry com entusiasmo — querem água? Pois vamos bebê-la!

E, de cabeça descoberta, seguido pelos seus homens, lançou-se em perseguição dos rebeldes.

Harry, durante o combate, conseguiu matar o chefe Mahmudu, que os seus sequazes julgavam invulnerável.

Enquanto os assaltantes fugiam em desordem, Harry reconheceu à frente do destacamento de socorro — o seu antigo camarada James.

Abracaram-se e o episódio das penas brancas esqueceu para sempre... Harry tinha, afinal, salvo os três oficiais que o tinham julgado covarde...

Meses depois, em Londres, durante a imposição de insígnias a Harry Feversham e seus camaradas, Mary perguntou a medo:

— Harry: queres tu perdoo-me?

Como única resposta, o oficial estreitou-a a si — num amplexo amoroso e forte...

E, desde esse dia, Harry continuou a honrar a tradição da família Feversham...

IMAGENS SOLTAS

(Continuação da pag. 5)

Afirmção categorica

A publicidade vai, às vezes, tão longe, que o público raras vezes acredita em certas coisas... Assim, afirmou-se que Alma Rubens era cocainomana e estivera num sanatório. Um jornalista europeu encontrou-a tranqüilamente a passear em Paris...

Escreveu-se que John Gilbert desafiara sete homens para duelo — e nesses duelos entrava tudo, desde o bar inglês ao florete italiano. Afinal, Gilbert é um rapaz tranqüilo e só joga o sóco — nos filmes, e não é sempre!...

Pois este excesso de publicidade levou o público a desconfiar de tudo o que lhe dizem.

Assim, quando, há meses, faleceu o malogrado Fred Thomson, um jornal norte-americano — que talvez já o tivesse assassinado várias vezes nas suas colunas — redigiu o título da forma seguinte:

«Fred Thomson morreu de facto!»